



Marcelo da Luz*

* Pesquisador Independente. Voluntário da UNICIN.

marcelodaluz@cybermais.net

Palavras-chave

Assistencialidade
Cosmoética
Maxidissidência
Tacon
Tares

Keywords

Assistentiality
Clarification task
Consolation task
Cosmoethics
Maxidissidence

Palabras-clave

Asistencialidad
Cosmoética
Maxidissidencia
Tacon
Tares

Da Consolação ao Esclarecimento: Assistência do Ponto de Vista de um Maxidissidente

From Consolation to Clarification: Assistance from
the Point of View of a Maxidissident

De la Consolación al Esclarecimiento: Asistencia del
Punto de Vista de un Maxidissidente

Resumo:

O presente artigo é um relato da experiência de maxidissidência vivida pelo autor, a saber: o abandono da condição de sacerdote da Igreja Católica para tornar-se pesquisador e voluntário da Conscienciologia. O texto aborda alguns dos processos da assistência religiosa, caracterizada como tarefa da consolação, em contraposição à perspectiva mais abrangente da tarefa do esclarecimento.

Abstract:

This article is an account of the author's maxidissidence experience, that is, the abandonment of the Catholic Church priesthood condition to become a Conscientiology researcher and volunteer. The text presents some of the religious assistance processes, characterized as consolation task, in opposition to the broader perspective of the clarification task.

Resumen:

El presente artículo es un relato de la experiencia de maxidissidencia vivenciada por el autor, a saber, el abandono de la condición de sacerdote de la Iglesia Católica para hacerse investigador y voluntario de la Concienciología. El texto aborda algunos de los procesos de la asistencia religiosa, caracterizada como tarea de consolución, en contraposición a la perspectiva más amplia de la tarea de esclarecimiento.

A mulher entra no escritório e senta-se à frente do sacerdote que ali esperava pacientemente. Aos prantos, ela relata suas últimas desventuras com o marido infiel, a quem acusa e amaldiçoa, dizendo esperar por justiça divina. Ela espera que o sacerdote corrobore suas acusações, assegurando-lhe sua bênção e solidariedade.

O sacerdote, no entanto, questiona se ela não deveria tomar uma atitude em relação à condição de vítima. Pergunta-lhe onde estariam sua dignidade e orgulho femininos e até que ponto ela alimentava tal situação. De fato, a mulher adquirira o hábito de freqüentar o confessionário a cada

quinze dias para repetir sempre a mesma história. A única novidade em tais visitas era o acréscimo de detalhes sempre mais mórbidos ao enredo de traição.

– *Eu não vim à procura de um padre para ouvir isto!* – bradou a mulher, enfurecida.

Voltando toda a sua indignação contra o religioso, deixou claro que o direito do penitente era queixar-se, e o dever do padre era apenas ouvir e perdoar pecados. Levantou-se e saiu batendo a porta, esquecida da bênção que viera buscar.

Expectativas. Esse é apenas um entre tantos episódios na vida de um religioso que ouse ultrapassar o limiar do papel a ele atribuído de humilde e santo consolador.

Posturas. A bem da verdade, são duas as posturas que um fiel espera encontrar no ministro religioso:

1. **Perdão.** O compassivo, paciente e bom homem disposto a compreender e perdoar, a qualquer momento, em nome de Deus e da Igreja, toda e qualquer ofensa. O importante é que a pessoa não sofra e tenha um ombro para se apoiar. No caso acima exposto, era isso que a mulher esperava do padre, pois essa tinha sido a atitude dele nas confissões anteriores.

2. **Expição.** O prudente e sério juiz cuja função é apontar ao fiel a sua culpa e a necessidade de subsequente expiação. No exemplo dado, a mulher também agradeceria ao padre se este a fizesse sentir culpada pela maneira como reclamava do marido. O confessor diria que ela deveria se esforçar mais como esposa, que algo poderia estar faltando da parte dela e, se mesmo assim ela não conseguisse encontrar em si mesma alguma falha, ele possuiria a resposta: ela certamente não estava rezando o suficiente.

Impopularidade. Contudo, se os conselheiros espirituais tentam ajudar seus fiéis a olhar mais profundamente para as raízes de seus problemas, correm o risco de verem as pessoas batendo a porta em suas caras. Foi o que aconteceu comigo, pois eu era o padre do relato acima.

Experiência. Venho da experiência de ter sido frade franciscano e sacerdote católico por cerca de vinte anos. Deixei oficialmente a vida religiosa no dia 08 de outubro de 2004. Dois dias depois, mudei-me para Foz do Iguaçu com o propósito de recomeçar a vida na condição de voluntário da Conscienciologia.

Possibilidades. Quando um sacerdote católico abandona a vocação religiosa, ele o faz geralmente por dois motivos:

1. **Conflito.** Por ter entrado em conflito com a instituição ou com seus superiores e confrades, o que torna o convívio dentro da comunidade religiosa insuportável.

2. **Celibato.** Por ter entrado em crise afetiva e decidido abandonar o celibato para viver junto com uma parceira ou parceiro.

Dispensa. Nas duas situações, na grande maioria dos casos, o ex-sacerdote continua ainda fazendo questão da pertença à Igreja, recorrendo à Cúria Romana para a obtenção de uma dispensa oficial de seus votos para voltar a ter uma vida de cristão comum, continuando a receber os sacramentos. Mesmo aqueles que não recorrem a essa dispensa, buscam estar ainda próximos à religião, privados, porém, do acesso à comunhão eucarística.

Motivo. A razão pessoal para sair do sacerdócio não se encaixa em nenhuma das situações anteriores. Abandonei todos os vínculos com a instituição religiosa basicamente por um motivo: a qualificação da assistência às consciências.

Vocação. As pessoas costumam perguntar-me a razão pela qual busquei a vida religiosa. Desde os mais tenros anos da infância, fui tomado pela intuição de possuir uma tarefa especial a cumprir como preenchimento do sentido da vida. Essa intuição manifestava-se como um genérico impulso de “servir à humanidade”. A percepção do sacerdócio católico enquanto via para assistência foi aos poucos se consolidando até levar-me à decisão de ingressar no seminário franciscano. A lógica dessa escolha partiu da observação da influência do ministro religioso sobre numerosos grupos humanos, lá onde os extremos da vida se tocam: nascimento e morte, união e separação, amor e ódio. A ele é atribuída a função de conferir sentido à vida das pessoas.

Trabalho social. Não pensava apenas na tarefa de “fazer caridade” – atividade à qual os franciscanos são imediatamente relacionados. Na verdade, a expressão “obra de caridade” foi praticamente banida do vocabulário religioso nos últimos quarenta anos. A prática do serviço social faz-se através da articulação de grupos – as pastorais. Para cada questão social existe uma pastoral relacionada, por exemplo: Pastoral da Criança, Pastoral da Terra, Pastoral da Saúde, dentre outras. O trabalho das pastorais é, em inúmeros casos, emergencial segundo a necessidade (providenciar comida, abrigo, agasalho e outros itens), mas todas elas têm como linha de orientação um trabalho mais ostensivo de acompanhamento e promoção dos carentes. Esse trabalho inclui o estudo das causas dos problemas sociais e a reivindicação de soluções junto às autoridades públicas.

Espiritualidade. Mais do que serviço social, trabalhei com aconselhamento espiritual. Interessava-me por descobrir quais seriam as verdadeiras dores e interrogações das pessoas no seu dia-a-dia, como ajudá-las a cultivar valores, especialmente o senso ético, para despertá-las para a fraternidade. Procurava estar, sobretudo, disponível para ouvi-las.

Escola. A religião é escola de assistência – eis algo que posso afirmar com minha experiência. Ao longo dos anos estive em contato com inúmeras pessoas – clérigos e leigos – devotadas ao serviço do próximo, não raro à custa de grandes sacrifícios pessoais. Gente que não media esforços para estar ao lado dos enfermos e sofredores de todos os tipos. Seres humanos que abraçavam causas e projetos sociais com destemor e abnegação. Aprendi com tais pessoas e ensinei tantas outras. O conjunto de todas essas experiências é parte indelével do que sou hoje.

Limites. Contudo, não me eram despercebidos os limites dessa escola de assistência. Nas tarefas a mim confiadas e no convívio com outros religiosos e fiéis, pude observar certas características da assistência religiosa, algumas das quais analiso a seguir.

Paroquialismo. O primeiro processo a observar é a despersonalização do assistido. A instituição religiosa acaba sempre reduzindo o assistido a mero objeto de uma ação cuja finalidade é fazer o assistente sentir-se virtuoso. O ministro e o fiel fazem o bem *em nome* de sua igreja, ou de seu grupo paroquial, numa tentativa – quase sempre inconsciente – de ampliar o território e o patrimônio espiritual do próprio grupo. Na maioria das vezes não são questionadas as reais necessidades dos assistidos, pois a ênfase está na necessidade da própria instituição de afirmar-se como instrumento útil do evangelismo. Aqui entra o problema do sectarismo intrínseco a toda religiosidade: mesmo as belas iniciativas em prol dos carentes trazem o selo de um grupo específico, com interesses doutrinários bem determinados.

Culpa. No âmbito pessoal, o fiel cristão frequentemente é impelido a fazer boas ações devido à culpa pelos próprios pecados e pelo pecado da sociedade. A oportunidade de ser caridoso é a oportunidade de

expiar culpa e sentir-se um pouco melhor consigo mesmo. O “próximo” é escada para se chegar ao “céu”. O fiel cristão faz o bem ao semelhante não porque vê nele um semelhante, mas porque enxerga nele o reflexo de Cristo.

Retribuição. Ligado a esse primeiro processo, está o fator “recompensa”. As instituições cristãs associam assistência à recompensa. Para salvar a própria alma e merecer o paraíso, é preciso fazer o bem (caridade, serviço social, consolo aos aflitos). Aqui, a consciência não percebe o valor intrínseco da assistencialidade. Antes, é extrínseca a motivação para fazer todo e qualquer serviço de auxílio fraterno: “ganhar o reino dos céus”. O objetivo da assistência não é o assistido, mas a santidade do assistente. Aos poucos, fui percebendo que tanto assistidos como assistentes pediam ainda muito para si mesmos. Usei romper com essa idéia e ensinar publicamente a incondicionalidade da assistência. Em várias oportunidades, percebi a surpresa e até mesmo a decepção dos fiéis e seminaristas ao ouvir-me ensinar o amor como um valor em si mesmo, prescindindo de prêmios e retribuições.

Heteronomia. Não há espaço para a autonomia da consciência. Tudo é derivado da crença na idéia de Deus, trino e uno, fonte do amor e da vida. Os seres humanos, filhos e filhas seus, devem reproduzir neste mundo a relação de amor e serviço mútuo que existe no seio da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). A Igreja Católica, com seus sacramentos, é sinal de Deus nesta terra. Sua missão é adorar e servir a Trindade (*latría*) e estabelecer o reino divino neste mundo. Para tal, ela também cultua e conta com a intercessão dos santos (*dulia*) e da Virgem Maria (*hiperdulia*). Os fiéis católicos, na prática, procuram copiar os santos, modelos prontos de vida e assistencialidade. A maioria acaba até mesmo delegando as próprias decisões e responsabilidades a essas consciências. Embora isso não seja ensinado na teoria, no plano prático o fiel nega a própria autonomia e originalidade. Ele tem apenas uma existência para construir a salvação ou a condenação eternas (inexiste a *seriéxis*), e o caminho mais seguro para a bem-aventurança é copiar as ações de Cristo, didaticamente exemplificadas na vida dos santos.

Discipulados. Nesse sistema, as pessoas tornam-se dependentes de uma idéia ou modelo externo a elas mesmas. Buscam-se respostas prontas baseadas tão somente na autoridade de personalidades que viveram e morreram por uma crença. Em várias oportunidades questionei paroquianos freqüentadores dos cursos que ministrei sobre a importância da afirmação da autonomia. Quando procurei dar a entender que um “santo” verdadeiro (isto é, uma pessoa amadurecida e assistencial) jamais aceitaria ser cultuado por um rebanho de pessoas passivas, causei no mínimo perplexidade.

Mitologia. A assistência é fundamentada pela pregação de verdades absolutas, transmitidas ora através de parábolas e historietas infantis, ora através de discursos de grande apelo emocional. Os mitos são repetidos *ad nauseam*, alimentando as mentes passivas dos fiéis com explicações simplórias e carregadas de convencionalismos moralistas.

Dependências. Numa palavra, a essência da escola religiosa de assistência é a tarefa da consolação (tacon). Anos de experiência e liderança dentro da Igreja Católica permitem-me constatar a indisposição que as consciências religiosas têm para mudar. As bênçãos, fórmulas, rituais, sacramentos e pregações religiosas oferecem lenitivos. A consciência religiosa é bastante seletiva: ela escolhe de antemão aquilo que quer ouvir, do mesmo modo que a ovelha só reconhece a voz do pastor. No seu mundo de significados só cabem as palavras de alívio e as muletas psicológicas que venham confirmar e reforçar as zonas de conforto

já instaladas. O questionamento e o benefício da dúvida são banidos. A lógica dos fatos é evitada para a perpetuação da dependência às autoridades sacras.

Incompatibilidade. Os limites da assistência religiosa tornaram-se paulatinamente claros nas vivências diárias ao longo dos anos. A cada missa celebrada, a cada confissão ouvida, a cada aula ministrada, ia percebendo que estava dentro da instituição religiosa, porém não fazia parte dela. Durante a primeira etapa de estudos conscienciológicos, enquanto fazia o Curso Integrado de Projeciologia (CIP), ouvi da professora Myriam Sanchez uma frase simples, mas de efeito devastador naquele momento: “Você não é padre, pois os padres jamais entendem e explicam as coisas do mesmo jeito que você”. Ela disse isso após ouvir uma das interpretações que desenvolvi acerca de algum fenômeno religioso sobre o qual discutíamos. Deixei essa frase ecoar em meu íntimo e finalmente comecei a confrontar os fatos. Sentia-me há tempos desconfortável diante da impossibilidade de dar às pessoas o que eu tinha a oferecer, simplesmente porque o ambiente religioso é incompatível com o abertismo consciencial.

Frustração. Conheci vários outros ministros da Igreja com quem compartilhava o desalento de não conseguir impedir as pessoas de sofrerem inutilmente. Em geral, éramos parecidos por sentirmos a frustração de esbarrar na intencionalidade dos fiéis que de nós se aproximavam: estavam apenas à procura de uma bênção de alívio até a próxima visita. Sentíamos-nos frustrados também com os métodos de manipulação usados pela maioria dos confrades em benefício próprio. O sentimento de vazio e dúvida não é incomum para muitos dos padres mais sérios no ministério. De fato, os religiosos hoje gastam a maior parte do tempo de estudo tentando encontrar a identidade da vida religiosa no mundo de hoje. Novamente as respostas recaem sobre os velhos modelos de imitação da cruz e do sofrimento.

Cosmoética. A permanência pessoal na instituição religiosa tornou-se cosmoeticamente impossível. Era preciso realizar um *upgrade* no campo assistencial. Com tal afirmação, não desconsidero o valor relativo da assistência religiosa dentro de um certo nível evolutivo. Bilhões de consciências estão evoluindo dentro da escola da religião. Nem tampouco considero que alguém seja mais evoluído apenas por estar estatisticamente dentro da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI). Penso ser possível existirem despertos na comunidade religiosa da mesma forma que consréus na CCCI. O ponto em questão é a maturidade de cada pessoa na própria capacidade de prestar auxílio fraterno.

Conclusão. A realização da maxidissidência para este autor constitui-se no empreendimento de qualificar a assistencialidade pessoal no âmbito da tarefa do esclarecimento (tares). Isso implica, por exemplo, nos 4 itens a seguir, enumerados em ordem alfabética:

1. **Acuidade.** A coragem de priorizar o discernimento, a autocrítica e a desrepressão, buscando a verdade dos fatos e não os confetes e aplausos do público.
2. **Liberdade.** O abandono da argumentação baseada na autoridade, assim como todo controle sobre outras consciências.
3. **Maxifraternidade.** O esforço por alcançar uma abordagem maxiuniversalista e maxifraterna.
4. **Multidimensionalidade.** O trabalho de potencializar a assistência multidimensional.

REFERÊNCIAS

1. **CNBB**; *Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas*; Coleção Documentos da CNBB; N. 62; Brasília, DF; 1999.
2. **Nouwen**, Henri; *The Wounded Healer*; 128 p.; Image Books; New York, N.Y.; E.U.A.; 1979.
3. **Sullivan**, Francis A.; *The Church We Believe In: One, Holy, Catholic, and Apostolic*; 242 p.; Mahwah, NJ; E.U.A.; 1988.
4. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; glos. 280 termos; 8 índices; 5.116 refs.; 2 tabs; 300 testes; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; IIP; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
5. **Idem**; *Manual da Proéxis: Programação Existencial*; 164 p.; 40 caps.; 10 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 1995.

